

São Paulo não mexeu com mulata

Ricardo A. Setti

Lem -
bram-se daquela piada dos tempos mais duros do regime militar em que um coronel, num ônibus, se assanha com uma mulata, leva uma bolsada da moça e depois acaba apanhando de todos os passageiros, que pensavam que a Revolução redentora tivesse acabado? Pois ela tem alguma coisa a ver com o que está ocorrendo na polêmica mantida atualmente pelo empresariado, o governo e diversas forças atuantes da sociedade do Rio com o ministro Roberto Cardoso Alves, por causa do Pólo Petroquímico do estado. Na defesa da causa do Rio — justíssima —, feita por vários setores interessados, está sobrando bolacha para São Paulo, que não tem nada com o assunto e nem mexeu com nenhuma mulata no ônibus.

Para aproveitar a deixa do feriado de ontem, pode-se dizer que há gente



confundindo Corpus Christi com habeas corpus. Se a autorização para a instalação de uma fábrica de polipropileno em São Paulo, feita pelo ministro Robertão, ao arrepio do que determina o Programa Nacional de Petroquímica, prejudica o Rio, que se baixe o malho no ministro, como tem feito, por exemplo, o governador Moreira Franco. Mas já começa a se ouvir, aqui e ali, insinuações sobre o "imperialismo paulista", irritação com "privilégios de São Paulo" e críticas ao estado, que os paulistas não merecem.

A escaramuça contra o Rio é coisa de Robertão e suas maquinações políticas e pessoais, não de São Paulo. Prejudicar o Rio, como o ministro está sendo acusado de fazer, não é, nem de longe, projeto de ninguém sério em São Paulo, muito menos da população paulista. O próprio governador Orestes Quéricia disse, com todas as letras: "Sou a favor de que se cumpra o Programa Nacional de Petroquímica e que se instale no Rio a fábrica de polipropileno". Quéricia também esclareceu que em nenhum momento foi consultado pelo ministro do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio, antes de adotar a medida que irritou o Rio.

Os paulistas que amam o Rio — e eles são tão numerosos e enrustidos quanto os cariocas que, disfarçadamente, acham São Paulo o máximo — querem que o estado se recupere, volte a vicejar, enfrente e vença seus problemas. Robertão não é São Paulo, nem fala pelos paulistas.

Ricardo A. Setti é editor regional do JORNAL DO BRASIL em São Paulo.